

# Pepetela



Muana Puó



DOM QUIXOTE

## **Ficha Técnica**

*MUANA PUÓ*  
*Autor: Pepetela*  
*Publicações Dom Quixote*  
*[Uma editora do Grupo LeYa]*  
*Rua Cidade de Córdoba, n.º 2/3*  
*2610-038 Alfragide • Portugal*

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor*  
*© 1978, Pepetela*  
*© 1995, Publicações Dom Quixote*

*Design: Atelier Henrique Cayatte*  
*Revisão: Cristina Pereira*  
*ISBN: 9789722041836*  
[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)

# I - O PASSADO

Era uma máscara tchokuê.  
Máscara de Muana Puó, a rapariga.  
Com ela se dança, na festa da circuncisão.

*Máscara oval, afilada no queixo, arredondada na testa. Olhos em amêndoa, quase fechados, tristes. Um abismo transparece para lá das pálpebras semicerradas. A meio, paralela ao nariz, desce uma escarificação em curva, que se afasta até abaixo da orelha. Isto do lado direito. A escarificação prolonga-se nomeio da face, por uma espécie de bolsa, e volta depois aos olhos. Do lado esquerdo, sob a vista, duas pequenas incisões verticais.*

*A extremidade exterior de cada pálpebra continua nas sobrancelhas em arco. Estas encontram-se no alto do nariz, unindo-se numa linha. O nariz desce, alargando ligeiramente, em duas linhas divergentes. Termina brusco na horizontal, o que lhe dá forma de triângulo.*

*Dois pequenos sulcos fazem uma frágil ligação entre o nariz e a boca. Ligação quase imaginária.*

*A boca tem a forma dos olhos, elíptica, quase fechada. Lábios sensuais, húmidos, meigos. O que realça a escuridão angustiante entre eles.*

*A máscara é serena, grave, quase severa, formada de elementos violentos.*



# 1

Fitou a máscara. Foi atraído pela tristeza dos olhos. Fixou-se na parte esquerda. Reconheceu-se nela.

Ela foi fatalmente subjugada pelo olho direito. Nele se reconheceu.

## 2

Ela tentou olhar o lado esquerdo, mas uma montanha a separava. Ele fez o mesmo para o lado direito, mas a mesma montanha o impedia. Cada um contemplou o seu lado, reconhecendo-se, incapaz de transpor a montanha.

### 3

Tinha vindo de longe, mas dentro do universo oval. A sua vida começara e prolongara-se em círculo. Abafava. Queria ser ela, e impediam-na. Subjugavam-na. Os dias passavam-se, redondos, e voltavam, repetindo-se, redondos. Até que fugiu. Enquanto fugia, sem olhar para trás, fuga rápida que não parecia sequer realizar-se, recordava momentos alegres. A descoberta dos seios, o primeiro beijo, a primeira fuga no capim. Mas tudo se perdera no enredado do ciclo natural. E ela fugira.

Ali estava agora, terminada a rápida fuga, mas longa. Abafava também. Já não vivia em círculo, era mais livre. No entanto, o dia nascia da mesma maneira e ao cantar do galo só o despertador se substituía. As bicicletas eram raras, os automóveis numerosos. A vida não era redonda, mas voltava ao mesmo sítio, opressiva. Queria ser ela e mais uma vez não podia.

## 4

Até que o pressentiu a seu lado. Bastaria virar-se para direita, atravessar a montanha que os separava, e encontraria os seus olhos. Estremeceu. Não teve coragem de vencer a montanha, rompendo a igualdade de todos os dias. Sentia o abismo perto, ao lado da montanha. Nesta vertente, a tranquilidade e a monotonia. No cimo da montanha, onde o Sol brilhava em turbilhão de cores impossíveis, a angústia do desconhecido, a aurora.